

A EDUCAÇÃO DAS MULHERES NO BRASIL PÓS - COLONIAL

A história da Educação das mulheres no Brasil Colonial dominado pelos portugueses inicia-se na convivência de **senhoras** reclusas nas casas grandes com **meninas órfãs portuguesas** e **indígenas** libertas, bronzeadas pelo sol tropical. Ainda no mesmo período acrescenta-se a esse grupo, uma terceira mulher: **a negra** e sua condição de escrava dos donos do poder vigente. Todas são subservientes, em graus menores ou maiores. Apenas a indígena poderá, quando longe das missões religiosas, manter seu grau de independência. O preço da sua liberdade, porém, da sua não submissão à força masculina portuguesa, resultaria, muitas vezes, em sua morte, em sua extinção.

A trajetória da ausência da educação feminina coincide também com a história da construção social dos gêneros, das práticas da sexualidade e da servidão no Brasil. O corpo feminino deveria servir ao português com o objetivo de juntar sexualmente as raças e etnias diferentes, em condições sociais diferentes, o que deu origem a miscigenação (mistura de raça) do povo brasileiro. Muitas vezes isso aconteceu à força, com violência, sendo que os estupros eram comuns naquele tempo. Ao homem português era dado o direito de usufruir da vida de todos os habitantes da colônia. Esse direito ocorria devido à sua condição de “senhor” da família patriarcal. Aliás, é oportuno explicitar aqui que **família** vem da palavra latina “**famulus**” que significa **escravos domésticos de um mesmo senhor**: mulheres, filhos, crianças, escravos, terras, etc. Eram “bens” pertencentes ao poder dito na época “naturalmente” construído ao deleite do gênero masculino.

Como falar em educação feminina nessas condições tão desiguais? A qual educação estamos nos referindo? Em primeiro lugar é necessário mencionar que o letramento, a instrução e a cultura quase inexisteram nesse período para a maioria dos habitantes da colônia. Educar era um ato pedagógico repressivo, baseado na ação bruta da obediência severa. Em linhas gerais podemos afirmar que durante os primeiros trezentos longos anos de formação da vida em sociedade no Brasil as mulheres, assim como outros segmentos sociais, estiveram a serviço da manutenção dos interesses de padres e portugueses, baseados na afirmativa de que os “donos do poder” sempre mandaram.

No Brasil, a colonização teve assento em interesses econômicos de explorar as riquezas naturais do território. Os portugueses não trouxeram suas famílias, não tinha interesse de morar no Brasil. Não havia interesse na educação. Construir escolas, locais de lazer, clubes, igrejas, transformar a colônia em um lar eram objetivos fora de cogitação.

O homem vindo só, sem freios da família e encontrando indígenas nuas, bonitas, bronzeadas e destituídas do falso pudor europeu, iniciou, quase que de imediato, uma fecundação desenfreada. As indígenas foram “utilizadas” pelos portugueses tanto para a sua satisfação sexual, utilizavam-se do corpo e da alma da mulher indígena sem a preocupação de estarem-nas machucando. Quantas vezes essas mulheres choraram sem entender a brutalidade dos “deuses barbudos e fétidos” descidos das barcas misteriosas e distribuindo objetos interessantes. Um exemplo desse desrespeito com as mulheres é o de João Ramalho, na Capitania de São Vicente, que teve 42 mulheres e mais de 80 filhos com índias e negras.